



## **Mutualismo e Caixeiros na Cidade do Salvador Durante a Primeira República: Delineando Identidades, Conflitos e Trajetórias.**

MAURICIO VITOR SANTOS DE JESUS<sup>1</sup>

A presente pesquisa insere-se nos domínios historiográficos da História Social e dedica-se ao estudo do associativismo mutualista no Brasil, com foco na organização dos caixeiros, suas relações com outros grupos, classes sociais e suas práticas políticas em Salvador no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Minha investigação compreende tanto as estratégias para garantir auxílios dos mais diversos tipos a trabalhadores sem proteção social estatal, como a construção de uma identidade sócio profissional e suas relações com as identidades nacional e de classe.

Para a abordagem do tema escolhi duas sociedades de auxílio-mútuo para acompanhar e comparar: a Sociedade Beneficência Caixeiral (SBC), fundada em 19 de abril de 1885, e a Associação dos Empregados do Comércio da Bahia (AECB), instituída 21 de janeiro de 1900.

Dentre todas as associações caixeirais existentes em Salvador na Primeira República, a AECB foi a que teve atuação mais destacada e a que manteve laços mais estreitos com a Associação Comercial da Bahia (ACB). Percebe-se, ainda, que a SBC manteve ligações fraternas com a AECB, fruto da abertura nos estatutos dessas entidades, que possibilitavam o ingresso em suas fileiras aos mais variados tipos de membros, inclusive negociantes, muitas vezes com origens nacionais comuns. Abertura muito criticada por outra associação que se apresentava como restritas aos caixeiros, especificamente a União Caixeiral fundada em 1919.

Minha comunicação será focada no estudo do perfil dos membros da AECB. As fontes que usarei são os dois livros de registros de sócios que encontrei na sede da associação, além dos estatutos e relatórios anuais da entidade, consultados na AECB, na

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas, Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Práticas Sociais.



Biblioteca Pública do Estado da Bahia e no Arquivo Público do Estado da Bahia. Os dois últimos tipos de documentos são mais conhecidos e seu uso é muito comum pelos historiadores do trabalho. Quero destacar os livros de registros de sócios, material que geralmente se perdeu na maioria das sociedades de trabalhadores surgidas desde o século XIX. Esses livros documentam as entradas de caixeiros na AECB desde sua fundação, em 1900, até 1931, totalizando 6.840 membros, sendo identificadas e analisadas, até o momento, 5.320 ocorrências. Elas informam a data de ingresso, idade, estado civil, nacionalidade, profissão e categoria de membro dos filiados.

Passemos a analisar os dados extraídos das fontes aqui mencionadas:

Preambularmente focaremos na multiplicidade de profissões abarcadas pela AECB, conforme consignado na ata de assembleia de fundação da entidade “...*farão parte negociantes, caixeiros, guarda-livros, ajudantes, empregados de banco, companhias e trapiches, empregados despachantes que não sejam nomeados pelo governo, corretores e seus prepostos...*”. Ou seja, em nenhum momento, cogitou-se o ingresso em suas fileiras apenas de caixeiros, o que justifica a diversidade de profissões encontradas nos livros de registros de sócios.

Acerca da autonomia dos empregados em relação aos patrões e os consequentes entraves impostos pelo patronato à criação das sociedades de ajuda mútua dos caixeiros, Castellucci (2010) destaca que desde o início os caixeiros enfrentaram dificuldades para construir organizações independentes de seus patrões, “com as quais compartilhavam, na maior parte das vezes, origens nacionais comuns e até laços de consanguinidade” (CASTELLUCCI, 2010a, p.63).

Essa influência do patronado também perpassara o destino da Associação dos Empregados do Comércio da Bahia, quando comerciantes como Augusto Pinho e Antônio Manso, que compuseram a diretoria de Associação Comercial da Bahia nos anos de 1914 e 1915 e de 1916 a 1918, também ocuparam, na mutual, cargos de destaque no período de 1908-1909 e 1918-1919.

### **Das múltiplas profissões**

As Atas da Assembléia Geral demonstram que apenas seriam admitidos como “[...] sócios efetivos os membros da classe comercial. ” Todavia, desde o discurso



proferido por Ricardo Machado no dia da fundação, projetou-se a multiplicidade de profissões que seriam abarcadas pela AECB. Conforme consignado na ata da assembléia de fundação da entidade poderia fazer parte da AECB “[...]negociantes, caixeiros, guarda-livros, ajudantes, empregados de banco, companhias e trapiches, empregados despachantes que não sejam nomeados pelo governo, corretores e seus prepostos [...]”. Ou seja, em nenhum momento, cogitou-se apenas o ingresso de caixeiros em suas fileiras, o que justifica a diversidade de profissões encontradas nos livros de registros de sócios.

Essa característica da AECB assemelha-se ao caso pesquisado por Osvaldo Maciel, em relação aos caixeiros em Maceió, onde trabalhadores com diversas ocupações poderiam compor os quadros da Perseverança e Auxílio, desde que fossem “auxiliares do comércio”. No entanto, no processo daquela pesquisa, destacaram-se cinco ocupações, a saber, “[...]corretores, leiloeiros, feitores, guarda-livros e caixeiros”.<sup>2</sup>

Percebe-se que independente da nomenclatura dada, “empregados do comércio”, “auxiliares do comércio”, segundo Popinigis, eles esses trabalhadores “construíram sua luta política em torno de uma identidade de classe, mas subdivididos em categorias específicas, porque muito diferentes na função, na hierarquia[...]”.<sup>3</sup>

Essa abertura nos estatutos possibilitou a integração no mesmo ambiente mutualista de patrões e empregados, fato que nem sempre foi bem visto por determinadas categorias. Acerca da autonomia dos empregados em relação aos patrões e dos entraves impostos pelo patronato à criação das sociedades de ajuda mútua dos caixeiros, Castellucci destaca que desde o início, os caixeiros enfrentaram dificuldades para construir organizações independentes de seus patrões, “[...] com as quais compartilhavam, na maior parte das vezes, origens nacionais comuns e até laços de consanguinidade”.<sup>4</sup>

Essa influência do patronato também perpassara o destino da Associação dos Empregados do Comércio da Bahia, quando comerciantes como Augusto Pinho e Antônio Manso, que compuseram a diretoria de Associação Comercial da Bahia, nos

---

<sup>2</sup> MACIEL, Osvaldo. *A perseverança dos caixeiros: o mutualismo dos trabalhadores do comércio em Maceió (1879-1917)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. UFPE, 2011.

<sup>3</sup>POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca 1850-1911*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>4</sup>CASTELLUCCI, Aldrin A. S. A luta contra a adversidade: notas sobre o mutualismo na Bahia (1832-1930). *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis -SC, vol. 2, n.4, 2010a.



anos de 1914 e 1915 e de 1916 a 1918, também ocuparam, na mutual, cargos de destaque no período de 1908-1909 e 1918-1919.

Tabela 1  
Profissão dos membros da AECB (1900-1930)

<b>Profissão</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Caixeiro	3.588	67,37%
Negociante	1.113	20,90%
Guarda-Livros	76	1,43%
Empregado	65	1,22%
Despachante	32	0,60%
Corretor	17	0,32%
Agente Comercial	12	0,23%
Capitalista	7	0,13%
Engenheiro	7	0,13%
Empregado de Banco	7	0,13%
Caixa de Banco	5	0,09%
Gerente de Banco	5	0,09%
Farmacêutico	5	0,09%
Industrial	5	0,09%
Ajudante de Guarda-livros	4	0,08%
Datilografo	4	0,08%
Leiloeiro	4	0,08%
Ajudante de Despachante	3	0,06%
Caixeiro Escritor	3	0,06%
Auxiliar de Escritório	3	0,06%
Caixeiro Executor	2	0,04%
Caixeiro Despachante	2	0,04%
Cobrador	2	0,04%
Comissionista	2	0,04%
Contador do City Bank	2	0,04%
Adm. do Mercado do Ouro	1	0,02%
Ag. N. Costeira	1	0,02%
Agente de Seguros	1	0,02%
Aprend. de Guarda- Livros	1	0,02%
Chefe de Ist. Calçada	1	0,02%
Outros	38	0,71%
Não identificados	308	5,78%
<b>Total</b>	<b>5.326</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** AECB, Livros de Registro de Sócios da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia (1900-1930)



Destaca-se, na Tabela 1, a participação expressiva de negociantes, correspondendo a 20,90% do total de associados, enquanto os caixeiros representavam 67,37%. Essa interação entre patrões e empregados numa mutual que se propunha “[...] a defesa em todos os sentidos da classe em particular de seus associados” foi questionada por outra das mutuais existentes em Salvador, notadamente a União Caixeiral.

### **Trabalhadores de muitas nações**

Outra peculiaridade a ser destacada é a presença de membros que não eram necessariamente do comércio. As fontes mencionadas demonstram a existência de engenheiros, industriais, capitalistas, entre outras profissões, conforme foi explicitado na tabela 1. Para Osvaldo Maciel, esses dados denotam “[...] quão fluidas são as margens de delimitação dos empregados auxiliares do comércio.”<sup>5</sup>

Pela movimentação empreendida dentro da estrutura societária da AECB, foi possível constatar que a participação de associados das mais variadas profissões, não se restringiu apenas a sócios benfeitores e beneméritos, como era comum dentre as mutuais.

É necessário compreender os reflexos que os critérios para admissão geravam na atuação das associações mutualistas, o que, via de regra é feito com base nos estatutos dessas entidades. A ausência dessa documentação dificulta essa análise.

Ainda de acordo com os dados contidos nos Livros de registro de sócios da AECB, foi possível identificar as variadas nacionalidades dos membros da mutual. Ao todo identificamos 19 nacionalidades. Apesar de a grande maioria de sócios ter sido de brasileiros - cerca de 80% do total, registrava-se uma significativa presença de portugueses, com 574 filiados, 11% do total de membros da entidade. Destaque-se também que desses 574 filiados de origem portuguesa, 373 desempenhavam a atividade de caixeiros, 173 eram negociantes, 9 guarda-livros, além de outras profissões. A presença de sócios de outras nacionalidades pode ser conferida na tabela que segue:

---

<sup>5</sup>MACIEL, Osvaldo. *A perseverança dos caixeiros: o mutualismo dos trabalhadores do comércio em Maceió (1879-1917)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. UFPE, 2011.



Tabela 2  
Nacionalidade dos membros da AECB (1900-1930)

Nacionalidade	Número	Percentual
Brasil	4.266	80,10%
Portugal	574	10,78%
Espanha	168	3,15%
Itália	30	0,56%
Oriente Médio	29	0,54%
Rússia	26	0,49%
Alemanha	22	0,41%
Inglaterra	14	0,26%
França	12	0,23%
Suíça	9	0,17%
EUA	8	0,15%
Argentina	4	0,08%
Romênia	3	0,06%
Áustria	3	0,06%
Bélgica	2	0,04%
Iugoslávia	1	0,02%
Armênia	1	0,02%
Chile	1	0,02%
Canadá	1	0,02%
Não identificados	152	2,85%
<b>Total</b>	<b>5.326</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** AECB, Livros de Registro de Sócios da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia (1900-1930)

Os números levantados nessa pesquisa apontam para uma presença portuguesa bem superior à achada por Mário Augusto Silva Santos na obra *Comércio Português na Bahia: Centenário de Manoel Joaquim de Carvalho & Cia. Ltda (1870-1930)*.<sup>6</sup> Nesse trabalho, Mário Santos identificou apenas 30 negociantes de origem portuguesa na AECB. No entanto, o número expressivo de portugueses nessa Associação, também se justifica, segundo Popinigiss, pela prática de admitirem “[...] preferencialmente patrícios em suas casas comerciais [...]”.<sup>7</sup>

Além da presença portuguesa, identificou-se, também, um expressivo número de espanhóis, 168 (pouco mais de 3%) no total, dos quais 100 eram negociantes, figurando como caixeiros apenas 60 da referida nacionalidade.

<sup>6</sup> SANTOS, Mario Augusto Silva. *Comércio Português na Bahia, 1870/1930. Centenário de Manoel Joaquim de Carvalho & Cia. Ltda.* s.n.t.

<sup>7</sup> POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca 1850-1911.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.



Pelas características dos membros da AECB, nota-se que não existia um fechamento étnico na agremiação, fator que contribuiu para o alcance do expressivo número de estrangeiros em suas fileiras. Porém, mais importante é dar relevo ao fato de que os brasileiros eram 80% dos associados, e sendo Salvador uma cidade de maioria negra e mestiça, é razoável supor que existissem muitos negros e mestiços caixeiros na capital baiana, ainda que o rico livro de sócios da AECB não tenha a variável cor.

A grande presença de estrangeiros pode ser explicada pela importância de Salvador para o comércio nacional, devido ao grande volume de mercadorias que passavam pelo porto da capital do estado, porta de entrada e saída das mercadorias objeto das transações de importação, vindas principalmente da Europa, e exportação dos bens produzidos no estado. O que ensejava a atração de pessoas de várias partes do mundo, com interesse na exploração da atividade comercial.

#### **A AECB e sua diversidade de gênero e de idade**

Do ponto de vista de gênero, vale salientar também que a AECB era constituída majoritariamente por homens, como aponta a Tabela 3, ainda que seja significativo a localização de mulheres caixeiros nesse período. O livro de atas da assembleia geral revela que o primeiro estatuto proibia a associação de mulheres, todavia, em 1903, foram propostas mudanças no referido documento que possibilitaram a presença feminina, desde que fossem esposas de membros da mutual.

**Tabela 3**  
Sexo dos membros da AECB (1900-1930)

<b>Sexo</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Masculino	5.233	98,25%
Feminino	93	1,75%
<b>Total</b>	<b>5.326</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** AECB, Livros de Registro de Sócios da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia (1900-1930)

No que diz respeito à filiação de mulheres no quadro de sócios da AECB, o livro de registro de sócios apresenta o registro de Elisa de Freitas, brasileira, solteira, caixeira, tendo como data de ingresso o dia 1º de setembro de 1902, portanto, antes das alterações estatutárias. A diminuta presença de mulheres nas atividades do comércio consistia num quadro peculiar da época. Dentre as fontes pesquisadas por Popinigis,



apenas uma “caixeira” foi identificada, a portuguesa Maria da Conceição, caixeira de uma casa de chope no Rio de Janeiro.<sup>8</sup>

Em 1924, a diretoria da Associação dava mostras de que era preciso adaptar os estatutos, pois acreditavam que alguns costumes haviam mudado, e assim, se referiram a possibilidade de engajamento das mulheres na mutual. O fragmento do relatório apresentado pela diretoria da AECB no ano de 1926 assegura que :

[...] No comercio atual há tantas senhorinhas que honestamente (e porque não dizê-lo) vantajosamente, se apresentam, concorrendo em vários misteres da carreira comercial que não se compreende mais o draconismo de lhes vedarmos acesso em nosso grêmio, elas que hoje concorrem heroicamente ao lado do sexo forte, no fórum, no jornalismo, na burocracia, e nas mais respeitáveis profissões do homem.<sup>9</sup>

Se por um lado o uso de termos como “honestamente, sexo forte...” explicita o machismo e forte apelo moral que vigorava naqueles dias, por outro, o documento revela a inserção das mulheres não apenas no comércio como em outras profissões até então reservadas aos homens.

A despeito da postura esboçada pela diretoria, as fontes apontam que até 1930, ou seja, após a manifesta intenção de ampliação na aceitação das mulheres do comércio, ocorreram apenas 22 ingressos do sexo feminino, sendo todas casadas com sócios da AECB, mas ao longo de todo período estudado foram encontrados registros de 93 mulheres, dentre as quais 5 foram registradas como solteiras e uma como viúva, fatos que também apontam para uma flexibilização da norma.

**Tabela 4**  
Estado civil dos membros da AECB (1900-1930)

<b>Estado Civil</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Solteiro	3.548	66,62%
Casado	1.423	26,72%

<sup>8</sup> POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca 1850-1911*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>9</sup> Relatório apresentado pela Diretoria da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia em sessão da Assembleia Deliberativa de 21 de março de 1926. Relativo à administração de 1924 e 1925. Bahia. Oficinas Graphics D' "A Luva".



Viúvo	35	0,66%
Não identificados	320	6,01%
<b>Total</b>	<b>5.326</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** AECB, Livros de Registro de Sócios da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia (1900-1930)

A Tabela 4 apresenta o estado civil dos associados, tendo como maioria absoluta a presença de solteiros, 3.548, relativo a 66,62% dos filiados, dos quais 2.909 eram caixeiros. Já os negociantes solteiros somavam 429. Os casados eram em número de 1.423, apenas 26,72% dos associados, dos quais 612 eram caixeiros e 639 eram negociantes, indicando um relativo equilíbrio entre os dois grupos.

A condição de solteiro dos caixeiros se encaixa no perfil em que normalmente eles são descritos pela historiografia brasileira. Na maior parte das vezes, o casamento com a filha do patrão lhe possibilitaria a promoção social, bem como, o fato de ser solteiro, indicava a disponibilidade de tempo e o forte entusiasmo e dedicação com que servia a seu chefe. Não por acaso, a AECB previu em sua fundação a criação de “[...] regras de como os associados deverão se portar no emprego e suas responsabilidades para com os seus chefes”.<sup>10</sup>

Nessa dissertação também busca-se analisar a faixa etária dos sócios. Sobre essa variável, Mario Augusto Silva Santos no já citado *Casa e balcão: os caixeiros de Salvador (1890–1930)*, sustenta que os caixeiros eram, em geral, trabalhadores entre 12 a 18 anos. A tabela a seguir revela os dados identificados por nossa pesquisa.

**Tabela 5**  
Faixa etária dos membros da AECB (1900-1930)

<b>Faixa Etária</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
14-20	1.438	27,00%
21-30	2.105	39,52%
31-40	999	18,76%
41-50	255	4,79%
51-60	1	0,02%
Acima de 60	1	0,02%
Não identificados	527	9,89%
<b>Total</b>	<b>5.326</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** AECB, Livros de Registro de Sócios da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia (1900-1930)

<sup>10</sup>AECB. Livro de Atas da Assembleia Geral (1900-1910).



Como se pode observar, a maior parte dos membros se enquadra na faixa etária dos 21 aos 30 anos, seguida da faixa dos 14 aos 20 anos. Do total de associados com faixa etária identificada, os caixeiros se destacam em ambas as faixas, com 1.540 membros registrados na primeira e 1.357 na segunda.

A respeito do expressivo número de jovens empregados no comércio, sabe-se que durante a Primeira República, era comum a iniciação na vida laboral entre 12 e 15 anos. Isso ocorria em virtude da necessidade de acréscimo na renda familiar. Ao completar a idade entre 11 e 14 anos, os filhos do sexo masculino eram inseridos nas atividades comerciais. O “balcão” era uma das poucas oportunidades para aqueles nascidos sem “berço”. A pouca idade exigida para entrada na atividade de caixeiro constituía-se em grande vantagem para os comerciantes, que dispunham de mão-de-obra muito barata.

Para esses jovens, além de qualquer tostão virar motivos de festejos, a “oportunidade” de emprego era encarada como uma forma de evitar que eles fossem dados à “vadiagem”. Ao mesmo tempo, vislumbrava-se uma perspectiva de futuro próspero, como retratado por Popinigis, em relação ao comércio carioca entre a metade do século XIX e início do século XX. Outra analogia comum era realizada com a relação entre os aprendizes e o mestre artesão. O “patrão, que por sua vez também havia sido caixeiro, passava a ensinar o ofício ao jovem empregado”.<sup>11</sup> Essa discussão será retomada no segundo capítulo, quando tratarmos da postura municipal de Salvador que tentou impedir o trabalho de alguns menores.

Popinigis apresenta ainda em sua tese, que a faixa etária era um indicativo da possível ascensão social do caixeiro e justifica: “Os caixeiros são indiscutivelmente mais jovens do que os guarda-livros, que são na sua proporção, mais jovens que os negociantes...”. No período de recortado por sua tese, a média de idade do guarda-livros era de 28,6 anos. Situação semelhante a encontrada entre os membros da AECB que desempenhavam a mesma função. Dos 76 guarda-livros identificados apenas 8 indivíduos possuíam idade inferior à média carioca.

---

<sup>11</sup>POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca 1850 – 1911*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.



### Categoria dos associados

A Tabela 6 elenca os tipos de sócios previstos nos estatutos da AECB e seus quantitativos. Os sócios contribuintes constituem a grande maioria, com 78,02%, seguidos dos membros remidos. Outra classificação peculiar é a de *grande benemérito*, que pelo número de agraciados, apenas três, demonstra ser uma honraria muito especial.

**Tabela 6**  
Tipos de Sócios da AECB (1900-1930)

Tipos de Sócios	Número	Percentual
Fundador	267	4,49%
Protetor Fundador	43	0,72%
Benemérito Fundador	2	0,03%
Benfeitor Fundador	1	0,02%
Grande Benemérito	3	0,05%
Honorário	1	0,02%
Benemérito	20	0,34%
Benfeitor	35	0,59%
Protetor	56	0,94%
Remido	879	14,79%
Contribuinte	4.638	78,02%
<b>Total</b>	<b>5.945</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** AECB, Relatórios da Diretoria da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia (1904-1930)

A documentação permitiu identificar os três sócios agraciados com os títulos de “grande benemérito”, são eles Ricardo da Silva Teixeira Machado, sócio fundador, guarda-livros, membro com atuação destacada na mutual no período estudado, responsável pelos discursos de fundação em 1900, e pela inauguração do prédio social em 1917. Também foi membro da Sociedade de Beneficência Caixeiral e do Club Caixeiral.

O segundo benemérito identificado foi Alberto Moraes Martins Catharino, que foi presidente da associação de 1915-1917, tendo recebido a distinção em 1919, sendo, inclusive, homenageado com uma foto no salão nobre da associação.

O terceiro “grande benemérito” foi Synezio Gottschalk. O livro de registros de sócios aponta sua inscrição em 06 de outubro de 1910, qualificado como caixeiro, solteiro e a época com 23 anos. Natural de Rio de Contas, ao que extraímos das fontes, teve participação destacada como proponente de novos sócios, num total de 584 entre contribuintes e remidos.



Essas são algumas das variáveis apontadas pelas fontes aqui retratadas. O levantamento de informações nos inventários e testamentos depositados no Arquivo Público do Estado da Bahia, certamente possibilitará reconstruir a trajetória de alguns associados da AECB e identificar elementos importantes sobre esses personagens, a exemplo da cor, vínculos com entidades religiosas e ascensão social entre os caixeiros, bem como identificar as suas relações com outras Associações, a exemplo da Sociedade de Beneficência Caixeiral, cujas ligações com a AECB e com as demais associações caixeirais da Bahia serão discutidas no próximo capítulo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGARIA, Bruno. *Histórias do direito: evolução das leis, fatos e pensamentos*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

CASTELLUCCI, Aldrin A. S. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise (1914-1921)*. Salvador: Fieb, 2004.

\_\_\_\_\_. A luta contra a adversidade: notas sobre o mutualismo na Bahia (1832-1930). *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis - SC, vol. 2, n.4, 2010a.



\_\_\_\_\_. Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930). *Revista Afro-Ásia*. Salvador-BA, n.41, 2010b.

\_\_\_\_\_. O associativismo mutualista na formação da classe operária em Salvador (1832-1930). In: MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Claudio H. M. (orgs.). *Organizar e proteger*. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (Séculos XIX e XX). Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014.

BATALHA, Claudio H. M. Relançando o debate sobre o mutualismo no Brasil: as relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos à luz da produção recente. *Revista Mundos do Trabalho*. Florianópolis -SC, vol. 2, n.4, 2010.

LEUCHTENBERGER, Rafaela. *O Lábano protetor da classe operária*. As associações voluntárias de socorros mútuos dos trabalhadores em Florianópolis - Santa Catarina (1886-1932). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. UNICAMP. 2009.

MACIEL, Osvaldo. *A perseverança dos caixeiros: o mutualismo dos trabalhadores do comércio em Maceió (1879-1917)*. Tese de Doutorado. Recife: Programa de Pós-Graduação em História. UFPE, 2011.

POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca 1850-1911*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. *A república do povo: sobrevivência e tensão*. Salvador, EDUFBA, 2001.

\_\_\_\_\_. *Casa e Balcão: os caixeiros de Salvador (1890-1930)*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Mario Augusto Silva. *Comércio Português na Bahia, 1870/1930*. Centenário de Manoel Joaquim de Carvalho & Cia. Ltda. s.n.t.



SILVA JR., Adhemar L. *As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas. Estudo centrado no Rio Grande do Sul – Brasil, 1854-1940.* Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em história. PUC, 2005.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa.* 3a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

VISCARDI, Cláudia. M. R.. Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880). Rio de Janeiro: *Revista Topoi*, n.16, jan-jun., 2008, p.117-136. Disponível em:< <http://www.revistatopoi.org/>>. Acessado em: 23 out. 2015.

\_\_\_\_\_. O estudo do mutualismo: algumas considerações historiográficas e metodológicas. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis - SC, vol. 2, n.4, 2010. p. 23-39. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho>>. Acessado em: 25 de out. 2015.